



O stand do CONTACTO recebeu milhares de visitantes

Foto: A. Cruz

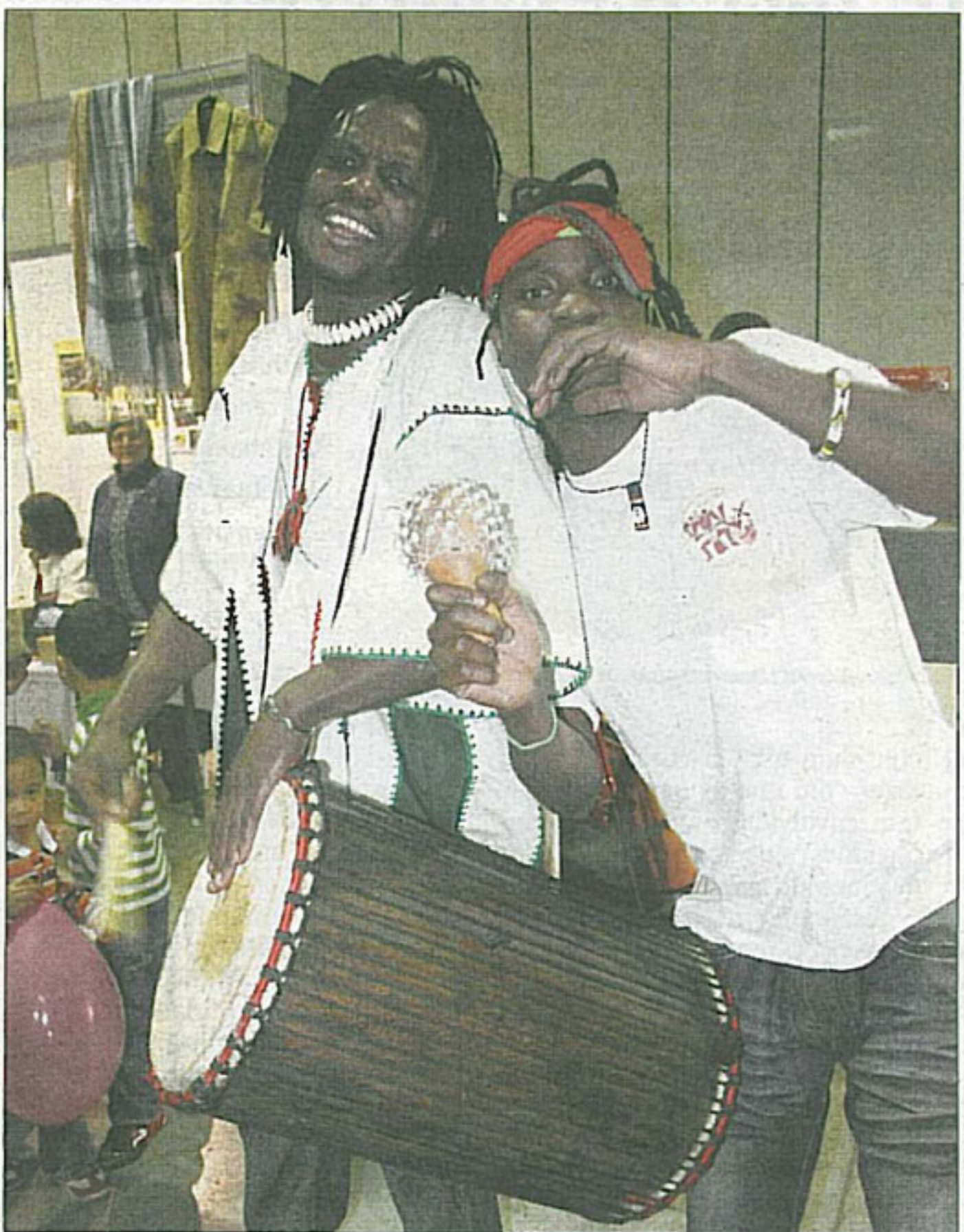


A música e animação brasileiras são ícones do Festival das Migrações. Quanto a petiscos, não houve mãos a medir para servir caipirini



O folclore português foi uma das atrações deste Festival

Foto: P. Lobo



Os tambores africanos entoaram os seus ritmos inimitáveis

Foto: A. Cruz



O stand de literatura lusófona do Salão do Livro é um dos mais ricos da feira (ver art. nas páginas 18 e 19)

Foto: Marlene Soares



as, bolos e salgadinhos aos milhares de visitantes que passaram pela feira Foto: P. Lobo



O exotismo da gastronomia sul-americana não faltou no Festival

Foto: P. Lobo



As pequenas "sevilhanas" maravilharam o público com a graciosidade das suas danças

Foto: P. Lobo



A cor e alegria incomparáveis do samba no palco do Festival Foto: P. Lobo



A música tradicional dos "Ferro Gaita" atraiu vários milhares de cabo-verdianos na noite de sábado

Foto: P. Lobo

Luandino Vieira, escritor angolano, durante Salão do Livro e das Culturas, integrado no Festival das Migrações

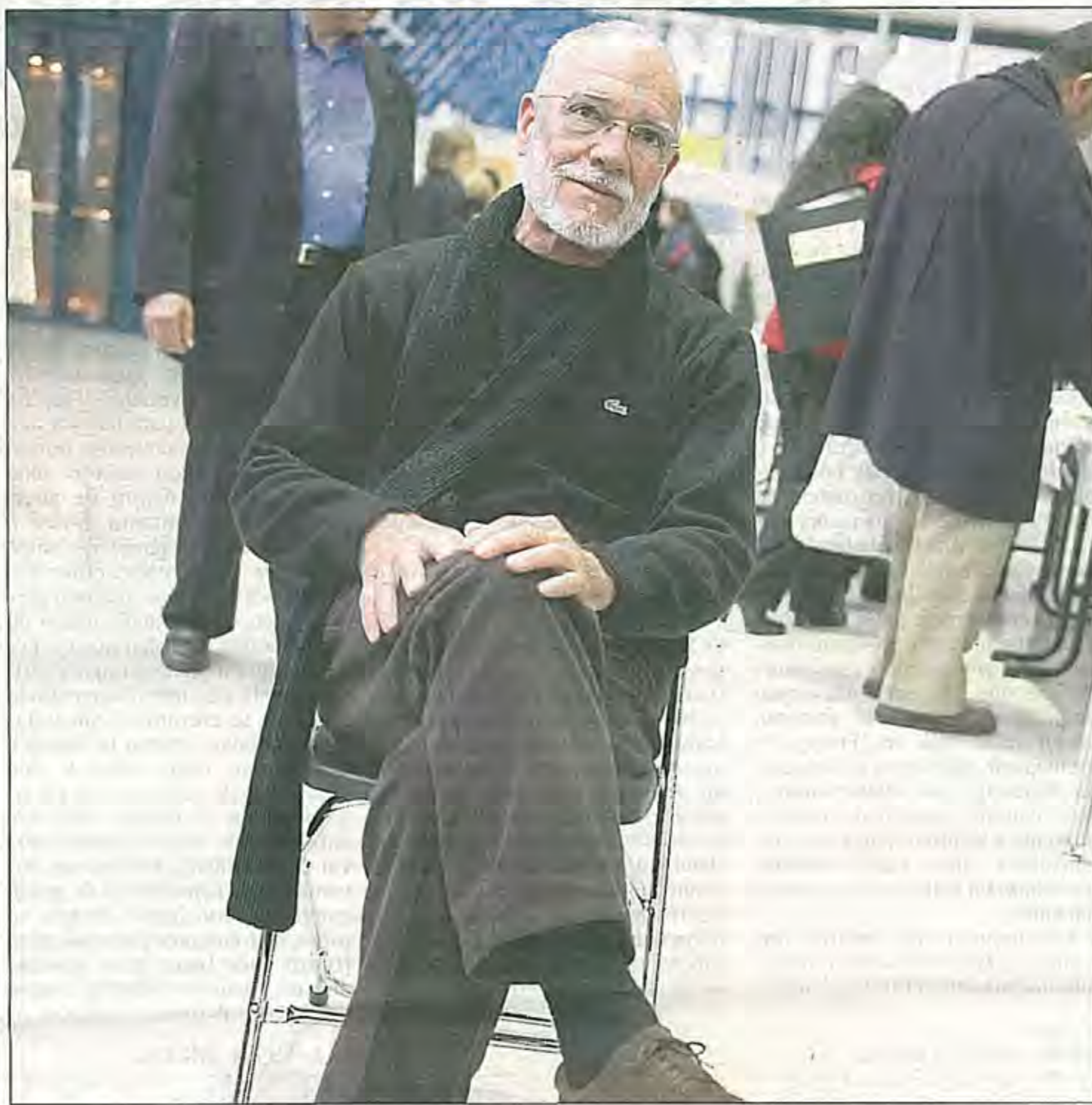
"Viver é muito perigoso"

"Nasci em Maio de 1935 e estou vivo em Março de 2009". Foi com este sumário espartano que Luandino Vieira, escritor angolano radicado em Portugal, prémio Camões 2006, se apresentou ao público que acorreu ao debate sobre literatura(s) lusófona(s), este sábado, durante o 9º Salão do Livro e das Culturas, no Kirchberg.

De tão curta, a nota autobiográfica tem graça (um talento que recebeu pelo baptismo, insiste Luandino durante a entrevista que deu ao CONTACTO), mas deixa de fora uma vida repleta de marcos históricos e literários.

A escolha do "nom de plume" José Luandino Vieira, pseudónimo literário de José Vieira Mateus da Graça, testemunha o seu amor a Angola e ao pai António Vieira, o seu "mais importante progenitor". Nasceu na Lagoa do Furadouro, em Portugal, mas tornou-se cidadão angolano pela sua participação no movimento de libertação nacional e contribuição no nascimento da República Popular de Angola. Passou a infância e juventude em Luanda, onde frequentou e terminou o ensino secundário.

Acusado de ligações ao movimento independentista, foi preso pela PIDE em 1959. Em 1961, a Sociedade Portuguesa de Autores (SPA) atribuiu-lhe o Prémio Câmllo Castelo Branco pela obra "Luanda", o que leva à detenção dos membros do júri e ao desmantelamento da SPA. Nesse mesmo ano, é condenado a 14 anos de prisão no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde esteve detido oito anos. Só seria libertado em 1972, em regime de residência vigiada, em Lisboa.



O escritor angolano Luandino Vieira, que rejeitou o Prémio Camões em 2006, foi a estrela de cartaz da literatura lusófona durante o 9º Salão do Livro e das Culturas, no passado fim-de-semana, na capital luxemburguesa

Foto: Paulo Lobo

António Gonçalves, que este resumo "está cheio de mentiras".

"Para começar, não sou escritor: deixei de escrever em 1972, desde aí só tenho reescrito o mesmo", ironiza, ele que tem dez livros de contos publicados, duas novelas, três romances ("Nosso Musseque", em 2003, "Nós, os do Makulusu", reeditado em 2004, e "O livro dos rios", de 2006), além de um livro-infanto-juvenil e traduções.

Este é afinal o autor que rejeitou o Prémio Camões em 2006, no valor de cem mil euros, alegando ser "um escritor morto" e não gostar de homenagens póstumas, segundo entrevista dada na altura à revista LER. E é sobretudo o homem que, tendo passado 12 anos na prisão, "longe das suas leituras" e vigiado pelos algozes da ditadura, mantém um incurável optimismo sobre a humanidade – temperado, como convém a quem viveu uma vida de lutas, com cepticismo e desengano.

"Tenho uma visão muito optimista e muito pessimista da condição humana. Os seres humanos não são realmente flor que se cheire, mas como não há outros, cheiremo-nos uns aos outros", diz ao CONTACTO. Falhada a nota bibliográfica, tente-se então a primeira pessoa: diz-se "homem de fronteira", "com alma de contrabandista, mas solitário: paga-se o preço". Contrabandista e traficante: a Fernando Lopes comprou, "por tuta e meia", o vocábulo "estórias" de que se fazem os seus livros, em português e quimbundo, uma das principais línguas de Angola. Os anos passados na prisão foram formadores: aprendeu que "não vale a pena criar problemas onde os não há, os problemas existem para serem resolvidos, e é nisso que nos devemos empenhar". De preferência de forma temerária – até porque, de qualquer forma, "viver é muito perigoso", comenta a sorrir, citando Guimarães Rosa, uma das suas maiores influências literárias.

A biografia não chega para decifrar o que faz de Luandino Vieira "o Luandino Vieira", nem a conversa de 15 minutos que mantém com o CONTACTO contribui para apurar o mistério de quem somos, mester reservado aos escritores. Quem o conhece sabe que estamos perante um daqueles homens que "se vão da lei da morte libertando": sabia-o também o público do Salão do Livro e das Culturas, que se rendeu à graça e carisma do escritor de 74 anos, enchendo a sala do debate sobre literatura(s) lusófona(s) em que era, sem contestação, cabeça de cartaz.

No final, quando lhe admito que fiquei sem decifrar as razões do mistério do magnetismo de Luandino Vieira, sorri-me um sorriso a implorar desculpa: "É porque, provavelmente, não há mistério".

■ Paula Telo Alves

Salão do Livro: "Jardim do Arco-Íris" desafia imaginação infantil

Irmãs Ribeiro apresentam livro infantil



A escritora Manuela Ribeiro, irmã da cantora de jazz Sofia Ribeiro, durante a apresentação do áudio-livro "o Jardim do Arco-Íris", com música de Sofia

Foto: Marlene Soares

É o que pode chamar-se uma produção fraterna: o áudio-livro infantil "O Jardim do Arco-Íris", apresentado este fim-de-semana no Salão do Livro e das Culturas pela escritora Manuela Ribeiro, conta com música da irmã, a cantora de jazz Sofia Ribeiro, bem conhecida no Luxemburgo, onde actua com frequência com o contrabaixista Marc Demuth. E não só: as ilustrações são de outra irmã do clã, Susana

Ribeiro, arquitecta, e a história teve a supervisão pedagógica de Luísa Ribeiro, a psicóloga da família. As filhas da escritora, para quem a história foi inicialmente inventada, e que lhe pediam "todos os dias durante pelo menos um mês", cantam também no CD que acompanha o livro, lançado no ano passado no Dia Internacional da Criança. Foi nelas que a autora, médica fisiatra, se inspirou para criar as personagens do livro, a formiga Mari, baseada em Mariana, de 10 anos, e a Borboleta Didi, que homenageia a filha mais nova, Diana, de sete anos.

A música foi composta pela cantora Sofia Ribeiro e pelo contrabaixista Gui Duvignau, com quem tem trabalhado nos últimos dois anos.

A autora do texto, Manuela Ribeiro, é médica fisiatra e professora assistente na Faculdade de Medicina do Porto, sendo esta a sua estreia na literatura infantil. Graças às apresentações interactivas da escritora, que visam "estimular a criatividade, a imaginação e a motricidade das crianças", o projecto conquistou um enorme sucesso em Portugal, onde é objecto de apresentações todas as semanas e já serviu de base para a criação de um bailado.

"O Jardim do Arco-Íris" foi ainda apresentado, em colaboração com os Serviços de Ensino de Português, na Mediateca da Caixa Geral de Depósitos no Luxemburgo, na quinta-feira. Na sexta-feira, a escritora encontrou-se ainda com os alunos dos 2º e 3º anos, também na Mediateca.

O livro poderá vir a estar disponível, a breve trecho, nas livrarias Libo, soube o CONTACTO junto da autora.

■ P.T.A.

Após a independência de Angola, dirigiu a Televisão Popular daquele país, de 1975 a 1978, o Departamento de Orientação Revolucionária do MPLA (até 1979) e o Instituto Angolano de Cinema, entre 1979 e 1984. Membro fundador da União dos Escritores Angolanos, exerceu a função de secretário-geral desde a sua fundação, em 1975, até 1992 (com um intervalo de cinco anos). Foi ainda secretário-geral adjunto da Associação dos Escritores Afroasiáticos, de 1979 a 1984. Após o colapso das primeiras eleições em 1992 e o reacender da guerra civil em Angola, fixa-se em Vila Nova de Cerveira, no Minho.

"É MENTIRA, NÃO SOU ESCRITOR"

Esta é a síntese biográfica entre as datas que balizam a vida de Luandino Vieira, entre o nascimento e o fugaz presente; mas se pudesse lê-la, talvez o escritor voltasse a afirmar, como durante o debate, em resposta ao elogio do moderador,

Contacto

Serviço Assinaturas / Service Abonnements

Tel. 49 93 9393

Redacção / Rédaction

Tel. 49 93 470 – Fax 49 93 448